



# “TESTOU POSITIVO PARA COVID-19”: CONSTRUÇÃO, METÁFORA, METONÍMIA<sup>1</sup>

“TESTED POSITIVE FOR COVID-19”:  
CONSTRUÇÃO, METÁFORA, METONÍMIA

Sandra Bernardo<sup>2</sup>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

Naira Velozo<sup>3</sup>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

Wellington Almeida<sup>4</sup>

*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**Resumo:** Análise da construção resultativa *testar positivo/negativo para coronavírus/COVID-19* (TXPY) nas formas finita e infinitiva, com vistas a postular uma descrição para essa construção que tem sido amplamente usada nas modalidades falada e escrita da imprensa e nas interações entre usuários de português. Como arcabouço teórico foram recrutados os modelos de Gramática Cognitiva de Goldberg (1995) e de Goldberg e Jackendoff (2004), bem como o trabalho de Leite (2006) sobre construções resultativas do português. A conceptualização proposta para TXPY também se baseou em processos metafóricos, metonímicos e estruturas conceptuais, como esquema imagético, domínio-matriz, *frame* e espaço mental. Trata-se de uma análise qualitativa de dados selecionados da Internet. A partir da fundamentação teórica, aliada aos mecanismos de coerção e de subdeterminação da gramática (LANGACKER, 2009), essas ocorrências revelaram a noção basilar de que conceptualizadores valem-se da semântica da construção.

Palavras-Chave: Gramática de Construções; Metáfora; Metonímia; COVID-19; TXPY.

<sup>1</sup> Produção bibliográfica vinculada ao projeto FAPERJ n° E-26/010.000145/2016.

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: sandrabernardo61@gmail.com.

<sup>3</sup> Endereço eletrônico: naira\_velozo@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Endereço eletrônico: wellingtonalmeida@letras.ufrj.br.

---

**Abstract:** Analysis of the resultative construction ‘test positive/negative for coronavirus/COVID-19 (TXPY)’ in the finite and infinitive forms, in order to postulate a description for this construction that has been widely used in the spoken and written modalities of the press and in interactions among users of Portuguese. As a theoretical framework, Goldberg’s (1995) and Goldberg and Jackendoff’s (2004) models of Cognitive Grammar were recruited, as well as Leite’s (2006) work on Portuguese resultative constructions. The conceptualization proposed for TXPY was also based on metaphorical and metonymic processes and on conceptual structures, such as image schema, matrix domain, frame, and mental space. It is a qualitative analysis of selected data from the Internet. From the theoretical foundation, combined with grammar mechanisms of coercion and underdeterminacy (LANGACKER, 2009), these occurrences revealed the basic notion that conceptualizers make use of the construction semantics.

Keywords: Construction Grammar; Metaphor; Metonymy; COVID-19; TXPY.

## INTRODUÇÃO

Com a chegada da pandemia causada por um novo coronavírus ao Brasil, a construção *testar positivo/negativo para coronavírus/COVID-19* começou a ser usada amplamente na imprensa e nas interações. Em busca na Internet, realizada no início da segunda quinzena de março de 2020, com base em “testar negativo” ou “testar positivo”, obtivemos cerca de 19.300 resultados. Com a inclusão da palavra *coronavírus* ou *COVID-19*, as ocorrências saltaram para cerca de 267.000 resultados.

A construção suscitou comentários de usuários de português e análises de linguistas. Marcos Bagno (2020) a conceituou como decalque (tradução literal) da construção resultativa inglesa *to test positive*, também importada pelo francês, *testé positive*; pelo espanhol, *[ha]testado positivo* e pelo italiano, *testato positivo*. Aubert e Módulo (2020, p. 3), com base em uma visão de gramática emergente do uso, citam casos de variação a partir de trechos encontrados na Internet, evidenciando, ao expor a trajetória do verbo *testar*, que “se há cem anos, um médico não poderia ‘testar um paciente’, mas apenas examiná-lo, se há 50 anos, um sujeito não podia ‘testar para o novo vírus’, mas apenas ser testado, é perfeitamente possível que esses ‘novos’ usos frutifiquem”.

Em ambos os textos, os estudiosos ressaltam a naturalidade com que essa construção está se disseminando, conseqüentemente tornando-se mais

---

convencional, na língua portuguesa, já que variações são inerentes às línguas. Todavia, os comentários de alguns usuários da língua revelaram críticas a essa construção, com base na visão prescritiva da norma gramatical. Ao comentar sobre o texto de uma matéria jornalística, um usuário do *Twitter* postou, em 22/03/2020, o seguinte tuíte:

[O @Gremio acaba de comunicar que o presidente do Clube, Romildo Bolzan Júnior, testou positivo para coronavírus. Presidente já está em quarentena e passa bem. #LigaNaGuaiba]. Observem a gramática. Mau exemplo. Jornalistas têm o dever de escrever bem. ‘Testou positivo’ não se aplica nesse caso. Ele submeteu-se ao teste e o resultado deu positivo, por exemplo. Sei que são de esquerda e a esquerda é menos esclarecida, mas procurem ter mais cuidado (USUÁRIO 1)<sup>5</sup>.

No tuíte 2, postado em 16/03/2020, outro usuário da mídia social avalia a construção empregada pela imprensa:

‘testou positivo; testou negativo’. Acredito que as expressões são, gramaticalmente erradas. O teste dá positivo ou teste dá negativo. Esse negócio de testou positivo ou negativo, sendo divulgado por profissionais da imprensa (que deveriam ser experts em gramática) soa muito mal (USUÁRIO 2).

“Importamos junto com o vírus toda uma linguagem que o acompanha”, como afirma o Usuário 3 (19/03/2020)? Neste texto, pretendemos evidenciar, em uma abordagem construcionista, que, embora tenha sido alvo de julgamento negativo de aceitabilidade por parte de alguns conceptualizadores do português brasileiro, *testar positivo/negativo para coronavírus/COVID-19 (TXPY)* pode integrar as construções resultativas da língua portuguesa. Para tal, na primeira seção, apresentamos os fundamentos teóricos para a descrição postulada; em seguida, será descrita a conceptualização dessa construção. Por último, passaremos às considerações finais.

---

<sup>5</sup> Optamos por não identificar os usuários da língua, apesar do caráter público dos comentários, porque suas opiniões sobre gramática espelham conhecimento cotidiano balizado por uma única norma, a padrão. Assim, esses exemplos foram identificados como ‘Usuário’, e numerados para referência neste texto.

---

## 1 SOBRE CONSTRUÇÕES E OUTROS ARCABOUÇOS

Entre os construtos teóricos que compõem a Linguística Cognitiva (LC), encontra-se a Gramática de Construções (GC), que, desde a sua consolidação em 1980, municiou estudiosos com modelos para estudo de fenômenos sintáticos em sua relação inseparável de outros componentes das estruturas linguísticas no âmbito da LC. Entre esses modelos construcionistas, destaca-se a GC de Goldberg (1995), para quem não há uma divisão estreita/exata entre léxico e sintaxe, nem entre semântica e pragmática. Subjaz a essa postulação a hipótese de que construções de cláusulas elementares estão associadas a estruturas semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana<sup>6</sup>. A ligação entre os componentes sintático e semântico ocorre por transferência metafórica de eventos encenados (GOLDBERG, 1995).

Em termos gerais, construções são unidades simbólicas que representam pareamentos entre as formas linguísticas e o significado que estas expressam. O sentido de uma construção está relacionado a um *frame* subjacente à cena representada simbólica e parcialmente pela expressão verbal. Esses *frames* integram o conhecimento de mundo partilhado pelos usuários da língua, que podem codificar a cena (ou evento) de diferentes formas, colocando em foco determinados participantes (ou subeventos) e deixando outros subespecificados.

A essa concepção, subjaz a não autonomia da gramática, visto que a linguagem se baseia em sistemas cognitivos mais gerais e capacidades mentais dos quais não pode ser bem separada. Consequentemente, não é nem bem determinada nem totalmente composicional. Assim,

[e]mbora conexões precisas e determinadas entre elementos específicos sejam certamente possíveis, representam uma forma especial e talvez um caso incomum. Mais comumente, há imprecisão ou indeterminação em relação aos elementos que participam das relações gramaticais ou à natureza

---

<sup>6</sup> *Scene Encoding Hypothesis*: Constructions which correspond to basic sentence types encode as their central senses event types that are basic to human experience (GOLDBERG 1995, p. 39). Essa hipótese origina-se nos trabalhos de Charles J. Fillmore e Paul Kay entre outros, como aponta a referida autora.

específica de sua conexão. Em outras palavras, a gramática é basicamente metonímica, no sentido de que a informação explicitamente fornecida por meios convencionais não estabelece, por si só, as conexões precisas apreendidas pelo falante e pelo ouvinte ao usar uma expressão. Indicações explícitas evocam concepções que apenas fornecem acesso mental a elementos com potencial para serem conectados de maneiras específicas, mas os detalhes devem ser estabelecidos com base em outras considerações (LANGACKER, 2009, p. 61, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Nessa visão de conceptualização do significado linguístico para a descrição de construções que escapam das regras determinísticas das abordagens formais, as ligações entre os papéis participantes da cena não estão totalmente perfiladas pela estrutura sintática e argumental por estarem subfocalizadas; logo, não determinadas completamente. Como unidades simbólicas da gramática, as construções especificam desde fenômenos gramaticais totalmente gerais aos totalmente idiossincráticos, como é ilustrado no quadro 1, adaptado de Goldberg (2013, p. 17) por Pinheiro (2015, p. 166).

**Quadro 1** – Contínuo léxico-sintaxe

| Construção                            | Exemplos  |
|---------------------------------------|---|
| Palavra                               | a, abacaxi, gato, Zico  |
| Estrutura morfológica                 | DES-V (EX: DESLIGAR), N-EIRO (EX: JORNALEIRO)   |
| Expressão idiomática preenchida       | chutar o balde, bater as botas  |
| Idiomatismo (parcialmente preenchido) | dar uma de ADJ (ex: <i>dar uma de maluco</i> ); que mané X (ex: <i>que mané descanso</i> ; <i>que mané “não vai ter Copa”</i> ) |
| Construção bitransitiva               | SUJ V OD OI (ex: Francisco deu uma peteca para Fidel)   |
| Construção passiva                    | SUJ AUX SVPARTICÍPIO SPPOR (ex: A peteca foi comprada pela Liana)   |

Fonte: Pinheiro (2015, p. 166)

Já que a conceptualização é baseada na percepção e na experiência corporificada, é amplamente imagética (ao invés de proposicional), fundamenta-se em capacidades imaginativas, como metáfora e metonímia. Segundo Lakoff e

<sup>7</sup>Although precise, determinate connections between specific elements are certainly possible, they represent a special and perhaps unusual case. More commonly, there is vagueness or indeterminacy in regard to either the elements participating in grammatical relationships or the specific nature of their connection. Grammar, in other words, is basically metonymic, in the sense that the information explicitly provided by conventional means does not itself establish the precise connections apprehended by the speaker and hearer in using an expression.

---

Johnson (2002, p. 47-48), a “essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos da outra”. Em frases como ‘Seus argumentos são *indefensáveis*’ e ‘Ele *atacou todos os pontos fracos*’ da minha argumentação, o conceito de DISCUSSÃO, o domínio-alvo, é compreendido em termos do conceito de LUTA, o domínio-fonte. As expressões linguísticas *indefensáveis* e *atacou todos os pontos fracos* são consideradas expressões metafóricas, que evidenciam a metáfora conceptual subjacente DISCUSSÃO É LUTA.

Semelhantes às metáforas, no âmbito da LC, metonímias também possuem uma natureza conceptual, revelada por expressões linguísticas metonímicas. Em termos gerais, trata-se de processo em que uma entidade, um *veículo*, dirige a atenção, ou propicia acesso mental, à outra entidade, um *alvo*. Assim, na frase ‘*Washington* está negociando com *Moscou*’, *Washington* e *Moscou* seriam entidades veículos, enquanto as capitais de *Estados Unidos* e *Rússia* seriam entidades alvos. Caracteristicamente, o veículo metonimicamente relacionado e a entidade alvo são afins, ou seja, *próximos* um do outro no espaço conceptual, da mesma forma que um produtor se relaciona conceitualmente a um produto.

Metáforas e metonímias são fundamentadas por estruturas que organizam conceptualmente nossa forma de pensar e estar no mundo: esquemas imagéticos, domínios-matriz e *frames*. Os esquemas imagéticos são estruturas pré-conceituais essenciais que impregnam experiência com significado (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987). Formam-se por meio da percepção sensório-motora das experiências humanas mais primitivas, ligadas a uma série de situações que experienciamos em nossa interação com o ambiente (GIBBS; COLSTON, 2006) e manipulação de objetos.

Os *frames* foram definidos como qualquer “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que para entender qualquer um deles é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram” (FILLMORE, 2006, p. 373,

---

tradução nossa)<sup>8</sup>. A noção de domínio foi definida por Langacker (1987, p. 488) como “[u]ma área coerente de conceituação em relação à qual unidades semânticas podem ser caracterizadas” (tradução nossa)<sup>9</sup>. Domínios-matriz reúnem um conjunto de domínios relacionados entre si. *Frames* e domínios-matriz são menos esquemáticos, portanto mais específicos, que os esquemas imagéticos. Além disso, não se tratam de estruturas analógicas, como os esquemas imagéticos.

Esquemas imagéticos, domínios-matriz e *frames* operam conteúdos conceptuais armazenados na memória de longo-prazo, ao passo que os *espaços mentais*, estruturas conceptuais menos esquemáticas, funcionam como operadores do processamento discursivo, ou seja, o espaço da conceptualização, em que seriam ativadas informações contextuais e linguísticas (FAUCONNIER; TURNER, 2002). A esquematicidade sob a qual esquemas imagéticos, domínios-matriz, *frames* e espaços mentais são hierarquizados (KÖVECSES, 2020) é definida por Langacker (1987, p. 492) como uma “precisão relativa da especificação ao longo de um ou mais parâmetros” (tradução nossa)<sup>10</sup>.

Introduzido o conceito de construção e outras noções a este relacionadas, em termos gerais, passamos às construções resultativas, a partir de Goldberg e Jackendoff (2004) e de Leite (2006). Conceitualmente, as construções resultativas apresentam as seguintes características básicas (LEITE, 2006, p. 71 a partir de GOLDBERG, 1995): (a) presença de um SN, na posição de sujeito ou de objeto, que sofra mudança de estado; (b) representação semântica como X FAZ COM QUE Y SE TORNE Z, ainda que, devido à sua natureza resultativa, o foco seja *Y se torne Z*; (c) presença de um verbo que submeta o argumento hospedeiro<sup>11</sup> a uma escala

---

<sup>8</sup> By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits.

<sup>9</sup> A coherent area of conceptualization relative to which semantic units may be characterized.

<sup>10</sup> Relative precision of specification along one or more parameters.

<sup>11</sup> Tradução de Leite (2006, p. 72) para o termo *host*, usado por Goldberg e Jackendoff (2004) para se referir ao SN que sofre mudança de estado. Esse termo adequa-se bem ao cenário de doença causada por COVID-19.



com um ponto final representado pelo sintagma em forma de sintagma preposicional (SP) ou sintagma adjetivo (SA) na sentença, denominados conjuntamente como sintagma resultativo (SR), devido ao papel que ambos desempenham na CR, ao expressar a alteração no estado. Um dos argumentos deve ter um elemento instigador da mudança de estado, embora não necessariamente um agente volitivo.

Subjaz às construções resultativas, a metáfora convencional ESTADOS SÃO LOCAIS, que especifica a metáfora MUDANÇA DE ESTADO É MUDANÇA DE LOCAL, visto que convencionalmente movimentos causam mudanças. Por isso, no âmbito da GC, a construção resultativa (CR) é uma extensão metafórica da construção de movimento causado (CMC), conforme o quadro 2.

**Quadro 2** – Ligação metafórica entre CR e CMC

|            |                 |       |   |                 |
|------------|-----------------|-------|---|-----------------|
| Sintaxe:   | SN <sub>1</sub> | V     | SN <sub>2</sub>                                 | SP <sub>3</sub> |
| Semântica: | X <sub>1</sub>  | CAUSA | [ Y <sub>2</sub> MOVER-SE PARA Z <sub>3</sub> ] |                 |

Ligação por extensão metafórica

|            |                 |       |   |                 |
|------------|-----------------|-------|---|-----------------|
| Sintaxe:   | SN <sub>1</sub> | V     | SN <sub>2</sub>                             | SP <sub>3</sub> |
| Semântica: | X <sub>1</sub>  | CAUSA | [ Y <sub>2</sub> TORNAR-SE Z <sub>3</sub> ] |                 |

Fonte: Autores

Em *Tininha colocou o livro na estante*, uma CMC, um objeto é deslocado fisicamente de um lugar para outro, ao passo que, em *Tininha cortou o bolo em fatias largas*, uma CR, o movimento físico de um objeto é abstratizado, quando atribuímos uma propriedade resultante de ação/processo verbal ao *tema* por meio de um movimento metafórico. Assim, para Goldberg (1995, p. 180), a CR “só pode se aplicar a argumentos que, potencialmente (embora não necessariamente), deem suporte a uma mudança de estado como resultado da ação denotada pelo verbo” (tradução nossa)<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> The resultative can only apply to arguments that potentially (although not necessarily) undergo a change of state as a result of the action denoted by the verb.



---

Goldberg (1995) não inclui construções causativas entre as construções basilares do inglês, pois considera causa e efeito movidos pela mesma força. Logo, na abordagem de Goldberg e Jackendoff (2004), a representação do efeito (ou da causa) relaciona-se à conceptualização de enfoques específicos, conforme a CR exprima propriedades causativas ou não. Nessa concepção, os autores propuseram uma tipologia das CRs como uma família de construções que partilham propriedades em comum, porém se diferenciam devido a certas especificidades.

Uma sentença resultativa é muito mais do que a conjunção de um subevento verbal e um subevento construcional. Por exemplo, *Willy watered the plants flat* não significa apenas que *Willy* fez as plantas ficarem chatas (*flat*) e as molhou. Em vez disso, os dois subeventos são relacionados: *Willy* fez as plantas ficarem achatadas através do ato de as molhar. Na maioria dos casos [...], o subevento verbal apresenta o MEIO pelo qual a construção ocorre. Essa paráfrase também demonstra a distribuição dos argumentos entre os dois subeventos: *Willy* é o agente de ambos subeventos, *planta* é o paciente de ambos subeventos e *achatado* é a propriedade resultante no subevento construcional (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004, p. 538, tradução nossa)<sup>13</sup>

Na frase *Tininha cortou o bolo em fatias largas*, há dois subeventos: *Tininha cortou o bolo*, já que *Tininha* exerceu a ação de cortar o bolo, que mudou seu estado, *ficando fatiado*, o segundo subevento da sentença. No quadro 3, ilustramos a representação da CR, expondo, em (a), a semântica da sentença e, em (b), a da construção, de modo que, mesmo extraindo os principais argumentos da sentença, *Tininha*, *bolo*, *fatias largas*, bem como o subevento verbal, ainda podemos discernir a contribuição semântica da própria construção.

---

<sup>13</sup> A resultative sentence means more than just the conjunction of the verbal subevent and the constructional subevent. For instance, *Willy watered the plants flat* does not mean just that Willy both made the plants flat and watered them. Rather, the two subevents are related: *Willy made the plants flat by watering them*. That is, for the bulk of cases, the verbal subevent is the MEANS by which the constructional subevent takes place. This paraphrase also shows the distribution of arguments between the two subevents: *Willy* is the agent of both subevents, *the plants* is the patient of both subevents, and *flat* is the resulting property in the constructional subevent.

Quadro 3 – Representação da semântica da sentença e da construção

|   |
|---|
| (a)   |
| Sintaxe: Tininha cortou o bolo em fatias largas                             |
| Semântica: TININHA CAUSA [O BOLO TORNAR-SE FATIAS LARGAS]                   |
| MEIO: TININHACORTAO BOLO  |
| (b)   |
| <b>Resultativa de propriedade causativa</b>                                 |
| Sintaxe: SN <sub>1</sub> V SN <sub>2</sub> SP <sub>3</sub>                  |
| Semântica: X <sub>1</sub> CAUSA [ Y <sub>2</sub> TORNAR-SE Z <sub>3</sub> ] |
| MEIO: [SUBEVENTO VERBAL]  |

Fonte: Autores

Como “[a] estrutura de argumentos semânticos do subevento da construção determina a estrutura de argumentos sintáticos da sentença por princípios gerais de ligação de argumentos” (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004, p. 539, tradução nossa)<sup>14</sup>, *Tininha* é o agente dos dois subeventos. Na tipologia dos autores, trata-se de uma construção resultativa transitiva de propriedade causativa, porque o hospedeiro (SN<sub>2</sub>) que sofre mudança de estado, ficando em fatias (SP<sub>3</sub>), *o bolo*, é o objeto do verbo.

A relação entre os argumentos sintáticos da sentença e os argumentos semânticos do subevento construcional de Goldberg e Jackendoff (2004), alinha-se ao *princípio da ultrapassagem*<sup>15</sup> de Michaelis (2005, p. 51), segundo o qual “[s]e um item lexical for semanticamente incompatível com seu contexto sintático, o significado do item lexical se adapta ao significado da estrutura na qual está inserido” (tradução nossa)<sup>16</sup>. Trata-se de uma acomodação que, para Traugott (2007), também seria um fenômeno semântico-pragmático. Essas duas concepções teóricas são fundamentais para descrição do papel do verbo *testar* seguido do adjetivo *positivo/negativo* em TXPY.

Outro tipo de CR, elencado por Goldberg e Jackendoff (2004), que nos interessa aqui é a resultativa intransitiva, encontrada nos dados pesquisados por

<sup>14</sup> The semantic argument structure of the constructional subevent determines the syntactic argument structure of the sentence by general principles of argument linking.

<sup>15</sup> Tradução de Brodback (2010).

<sup>16</sup> **The Override Principle.** If a lexical item is semantically incompatible with its syntactic context, the meaning of the lexical item conforms to the meaning of the structure in which it is embedded [grifo do original].

---

Leite (2006, p. 84): *O vidro quebrou em pedaços*. Esses casos, em que a mudança de estado aplica-se ao SN na posição de sujeito, relacionam-se a sujeitos de certos verbos intransitivos “frequentemente associados à inacusatividade”.

Devido à extensão e ao foco deste texto, não abordaremos todos tipos de CR propostos por Goldberg e Jackendoff (2004). Passaremos, na próxima seção, à descrição postulada para a construção *testar positivo/negativo para coronavírus/COVID-19*.

## 2 “SE BOLSONARO TESTAR POSITIVO PARA O VÍRUS, ELE PODE RESPONDER CRIMINALMENTE PELO O QUE FEZ NAS MANIFESTAÇÕES ONTEM?”

O título desta seção reproduz um tuíte de 16/03/2020, que exhibe uma das formas de uso da construção *testar positivo/negativo para coronavírus/COVID-19*, representada como TXPY, em que a posição X é preenchida pelos adjetivos *positivo* ou *negativo* e a posição Y, pelo substantivo *coronavírus* ou pela sigla *COVID-19*, como o vírus e a doença vêm sendo, respectivamente, denominados. Nessa nomeação, já evidenciamos o caráter metonímico da gramática, visto que o EFEITO, *ficar doente*, é ativado pela CAUSA da doença, o *vírus*.

Além da forma infinitiva, a construção é usada com o verbo *testar* no presente ou no pretérito perfeito do indicativo. Para evidenciar tais usos, buscamos por meio da ferramenta do *Google*, os números de ocorrências das construções por tempo verbal. Foi necessário estabelecer duas restrições temporais, para que os dados não ficassem enviesados. Dessa forma, a busca abarcou os períodos de 15 de outubro de 2019 a 15 de março de 2020<sup>17</sup> e de 15 de

---

<sup>17</sup> Para essa busca, foi usado [“test<sub>T</sub> x para y” after:2019-10-15 before:2020-03-15], em que T era a terminação do verbo (“-a”, “-ar” ou “-ou”), x era a palavra “positivo” ou “negativo” e y, “covid-19” ou “coronavírus”. Ao todo, foram feitas (3x2x2) 12 buscas, cujos resultados foram compilados na tabela 1.

março a 2 de setembro de 2020<sup>18</sup>, equilibrando, pois, as faixas temporais. Sem essa restrição, o *Google* distorcia os dados, porque repetia páginas e notícias antigas como chamadas de notícias mais atuais, o que acarretava uma variação considerável do número de construções.

Na tabela 1, expomos os números obtidos nas duas faixas temporais. Futuras pesquisas com a mesma restrição de data podem mostrar ligeiras variações numéricas por conta de páginas que entram e saem do ar e por conta do horário específico em que a pesquisa foi realizada.

Tabela 1 – Ocorrências da construção TXPY conforme o tempo verbal

| Forma do verbo <i>testar</i> | 15/10/2019 a 15/03/2020 | 15/03/2020 a 02/09/2020 |
|------------------------------|-------------------------|-------------------------|
| Infinitivo                   | 16570                   | 48406                   |
| Pretérito perfeito           | 33650                   | 124240                  |
| Presente do indicativo       | 102370                  | 1311968                 |
| <b>Total</b>                 | <b>152590</b>           | <b>1484614</b>          |

Fonte: Autores

Os números absolutos da tabela 1 servem apenas para confirmar a convencionalização da construção TXPY e as características formais observadas nos trechos selecionados para análise. A opção de uso majoritário no tempo presente pode estar relacionada ao fato deste não ser marcado pela presença de uma desinência modo-temporal, o que confere a esse tempo verbal a possibilidade de conceptualizar eventos PASSADOS, PRESENTES e FUTUROS. O emprego do presente em termos discursivos pode dar um caráter de recência à informação passada.

Como observamos que o emprego da sigla COVID-19 foi sendo ampliado, em relação ao termo *coronavírus*, como expressão metonímica para denominar a

<sup>18</sup> Para essa busca, foi usado [“test<sub>T</sub> x para y” after:2020-03-15], em que T era a terminação do verbo (“-a”, “-ar” ou “-ou”), em que x era a palavra “positivo” ou “negativo” e y, “covid-19” ou “coronavírus”. Ao todo, foram feitas (3x2x2) 12 buscas, cujos resultados foram compilados na tabela 1. As pesquisas foram feitas entre o meio dia e às 14h. Desse modo, usar “before: 2020-09-02” ou “before: 2020-09-03” pode influenciar nos resultados.

doença causada por tal vírus, também buscamos tais ocorrências nos mesmos períodos pesquisados para a forma verbal. A forma COVID-19 confere mais especificidade ao causador da pandemia, sendo inclusive precedida de artigo definido feminino “a COVID”, reforçando o caráter metonímico do acesso ao EFEITO (doença) pelo seu CAUSADOR (vírus). Esse tipo de ativação e nomeação pode estar ainda ligado ao desconhecimento exato de como o vírus atua no organismo, podendo não apenas causar síndrome respiratória aguda, mas problemas neurológicos, renais, entre outros, ainda não especificados por pesquisadores em todo o planeta. Na tabela 2, elencamos os números encontrados.

**Tabela 2** – Ocorrências dos termos *coronavírus* e COVID-19

| <b>Expressão metonímica</b> | <b>15/10/2019 a 15/03/2020</b> | <b>15/03/2020 a 02/09/2020</b> |
|-----------------------------|--------------------------------|--------------------------------|
| Coronavírus                 | 39834                          | 95039                          |
| COVID-19                    | 112756                         | 1389575                        |
| <b>Total</b>                | <b>152590</b>                  | <b>1484614</b>                 |

Fonte: Autores

Um dos estranhamentos dos usuários da língua portuguesa sobre a construção TXPY, manifestado nas postagens, foi a combinação do verbo *testar* seguido de um adjetivo. Em diálogo, via *Facebook*, entre um professor, especialista no ensino da norma padrão para concursos, e um internauta que tentava justificar a construção TXPY, este usuário especula se “não seria o caso de uma mudança de significado da palavra *testar* (ficar, estar)? Ex: Testar (estar) positivo para *coronavírus*” (USUÁRIO 4, 19/03/2020).

Essa avaliação é interessante devido à semântica da construção revelar uma mudança de estado de saúde, visto como um movimento em termos metafóricos. No caso de um resultado negativo (*testar negativo*), também haveria uma mudança de estado, já que haveria um deslocamento metafórico de uma situação (um local) de suspeita de doença, devido aos sintomas, para uma situação (um local) de saúde não comprometida por COVID-19.

---

Outro interlocutor dessa interação comenta “Testar tá sendo usado como bivalente acho” (USUÁRIO 5, 19/03/2020), também na tentativa de explicar o papel do verbo na construção. Hipótese também rechaçada pelo referido professor, quem reforça as diferenças entre a morfossintaxe do português e do inglês. Antes desse trecho, no início da postagem, ocorre a seguinte troca de comentário:

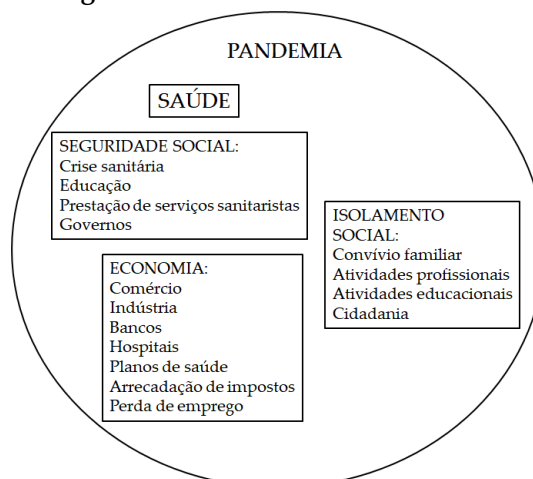
Interlocutor: Correto... mas é remar contra a maré. Tarde demais, esse anglicismo já está consolidado.

Autor [do post/professor]: agora quero ver fazer a análise morfossintática desse anglicismo “consolidado”.

Para aceitar o desafio de analisar a construção nos trechos selecionados de língua portuguesa em uso extraídos da Internet, é preciso pensar no contexto sociocultural que circunda a adoção de TXPY, já que esses elementos da realidade interferem na conceptualização da construção. Em outras palavras, como uma unidade simbólica que representa cenas experienciadas de nossa realidade, a contraparte formal é afetada pela contraparte semântico-pragmática desse pareamento forma-sentido.

Na figura 1, ilustramos duas estruturas conceptuais, entre outras, subjacentes à forma como pensamos e experienciamos nossa realidade em tempos de pandemia, de modo a fornecer uma base para compreensão não só desse cenário real, mas das estruturas linguísticas usadas na conceptualização e na expressão de tudo que nos cerca devido à atual crise sanitária. Vivemos uma PANDEMIA, que pode ser conceptualizada como domínio-matriz que abarca diversos *frames*, que, por sua vez, podem ser especificados, de acordo com o foco de recrutamento dos conhecimentos ativados. Assim, na figura 1, expomos alguns desses *frames* e seus elementos.

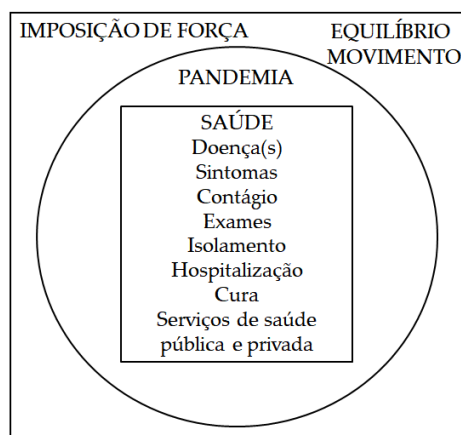
**Figura 1 – Domínio-matriz PANDEMIA**



Fonte: Autores

Como a construção TXPY relaciona-se mais especificamente ao *frame* SAÚDE, alguns de seus possíveis elementos foram especificados na figura 2, em que são ilustradas as estruturas conceituais subjacentes a essa construção. Logo, do nível mais específico dos *frames* ao nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, o caminho conceitual para a conceptualização de TXPY, parte de um cenário em que sintomas e/ou possibilidade de contágio, elementos do *frame* SAÚDE, em tempos de PANDEMIA, levam à busca de verificação do estado de saúde. Riscos à saúde, nesse cenário, podem ser vistos como uma FORÇA que se IMPÕE sobre os organismos humanos, cujo EQUILÍBRIO pode ser abalado, conforme o resultado do teste para a presença de COVID-19.

**Figura 2 – Conceptualização de TXPY**



Fonte: Autores



---

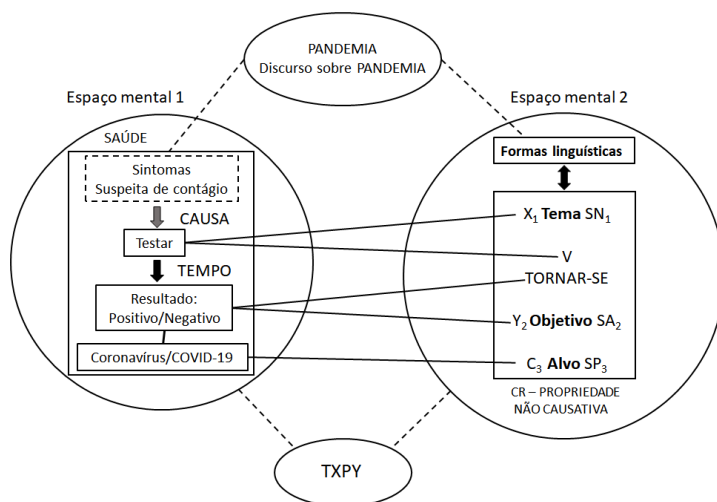
Assim, o esquema de IMPOSIÇÃO fundamenta, em termos esquemáticos, a existência de uma FORÇA responsável pela mudança de estado nas entidades afetadas pelo vírus, causando problemas de saúde, por isso também consideramos a subjacência do esquema imagético de EQUILÍBRIO. O esquema imagético de IMPOSIÇÃO (*COMPULSION*) foi apontado por Ribeiro, Ferrari e Pinheiro (2019, p. 9) como uma base conceptual para construções de movimento causado do português. Conforme já expomos, devido à relação entre construções de movimento causado e resultativas (GOLDBERG, 1995), como submetidas à mesma FORÇA, o foco de sentido de TXPY recairá no resultado da mudança, nas propriedades transmitidas por meio de um movimento metafórico: MUDANÇA DE ESTADO É MUDANÇA DE LOCAL, já que ESTADOS SÃO LOCAIS. Esse movimento metafórico relaciona-se, ainda, ao esquema imagético de MOVIMENTO.

Tais estruturas conceptuais também embasam mecanismos de coerção para solução de conflitos entre aspectos semântico e sintático de um item de uma construção em relação a uma construção como um todo. Acreditamos que os comentários dos usuários possam ser fruto dessa coerção. Logo, por meio do *princípio da ultrapassagem*, passam a considerar *positivo* como complemento do verbo *testar*, que passa a abarcar outros sentidos, como *estar positivo*, em uma tentativa de resolver o conflito entre o verbo *testar* e o adjetivo, adotando o padrão construcional resultativo em lugar da relação específica entre verbo e complemento, na medida em que tanto o foco do processo ativado pelo verbo quanto o do resultado são mantidos pelas propriedades semântico-pragmáticas da construção.

A seleção do adjetivo *positivo/negativo* como complemento de verbo *testar* e a compressão entre a realização do teste e o resultado posterior, colocado em foco, alinha-se aos tipos de mudanças (*shifts*), elencados por Talmy (2000), como procedimento de coerção: substituição de um componente com especificação de classe aberta e mescla. Nessa concepção, o verbo *testar* tem seu escopo ampliado abarcando o resultado por meio de uma mescla que comprime o TEMPO entre

submeter-se ao teste e saber seu resultado, com base em um processo metonímico, que ativa elementos do *frame* SAÚDE. Na figura 3, ilustramos a rede de integração conceitual proposta para TXPY, em termos de forma e sentido (*construal*).

**Figura 3 – TXPY – forma e sentido (*construal*)**



Fonte: Autores

Os elementos que compõem os espaços internamente e suas conexões são selecionados com base em relações conceituais, denominadas por Fauconnier e Turner (2002) como relações vitais, que otimizam a memória, na medida em que comprimem aspectos subdeterminados, não focalizados, para a construção de sentido. Assim, o espaço mental superior funciona como base da realidade em um cenário de PANDEMIA, que reúne conhecimentos sobre o *frame* SAÚDE e os discursos usados cotidianamente para expressar aspectos ligados à saúde.

No espaço mental 1, fundamentado pelo *frame* SAÚDE, encontram-se elementos ligados à testagem para verificar o contágio, em que se comprime a causa que levou ao exame, visto que o foco será o resultado, por isso a conceptualização da CAUSA está envolta por um retângulo pontilhado, sem ligação com nenhuma estrutura do espaço da construção resultativa de propriedade não causativa. Ocorre ainda uma compressão de TEMPO, visto que o subevento do teste é focalizado na etapa final, evidenciando, assim, o princípio

---

de seleção de início ou fim de um evento como veículo metonímico para representar o evento como um todo (RADDEN; KÖVECSES, 1999), devido à saliência perceptual dessas etapas.

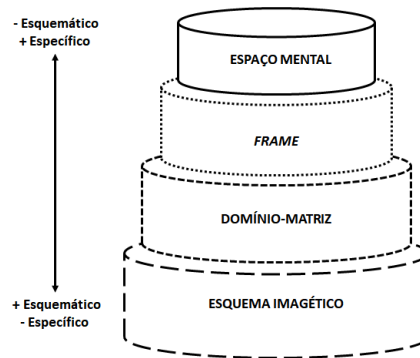
Os elementos do segundo espaço mental são fundamentados pelo *frame* CONSTRUÇÃO RESULTATIVA DE PROPRIEDADE NÃO CAUSATIVA, representado pelo retângulo maior, ativado pelas formas linguísticas, retângulo menor. Nessa concepção, a configuração do espaço 2 baseia-se em elementos específicos e esquemáticos, ligados ao conhecimento linguístico dos conceptualizadores. Esse modelo de conceptualização é possível, porque os espaços mentais consistem em estruturas conceptuais que operam dinâmica e localmente na memória de trabalho, porém recrutam seletivamente material conceptual armazenado na memória de longo prazo.

As formas linguísticas usadas na comunicação, com base no cenário ativado pelo contexto mundial pandêmico – nome de quem se submeteu ao teste, verbo, adjetivo, sintagma preposicional –, funcionam como gatilhos específicos para o preenchimento dos *slots* da construção resultativa de propriedade não causativa, que, em nível mais esquemático, integra o *frame* CONSTRUÇÃO RESULTATIVA DE PROPRIEDADE NÃO CAUSATIVA. O inventário de construções do português na mente dos conceptualizadores pode ser considerado um domínio-matriz, visto que essa hierarquia de esquematicidade, proposta por Kövecses (2020, p. 52), também pode ser representada como níveis de inclusão.

Devido à natureza processual da integração conceptual, propomos uma configuração cônica, para evidenciar a relação de contiguidade das estruturas conceptuais, na medida em que as partes do cone se comprimem e se expandem, desde os espaços mentais, processados dinamicamente, *on-line*, na memória de trabalho, aos esquemas imagéticos, estruturas pré-conceptuais analógicas, que, em conjunto com *frames* e domínios-matriz, encontram-se armazenados na memória de longo prazo, disponíveis para ativação em diferentes níveis, nos

bastidores da conceptualização, via integração conceptual. Essa representação é ilustrada na figura 4.

**Figura 4** – Representação da esquematicidade como inclusão



Fonte: Autores

Os elementos do espaço mental 1 ligam-se ao espaço 2, estabelecendo a relação entre os elementos que representam os participantes do evento encenado e as formas linguísticas usadas na verbalização do evento por meio da construção resultativa de propriedade não causativa, porque o elemento afetado pela testagem ocupa a posição de sujeito. A IMPOSIÇÃO da FORÇA causadora da doença, que não está representada no polo formal da construção é fornecida pelo contexto real de quem experiencia o evento evocado.

A especificação metonímica da doença por meio de designativos do vírus focaliza o resultado. Entre os espaços 1 e 2, ocorre uma compressão da relação vital de CAUSA-EFEITO, de modo a focalizar o EFEITO. Nesse sentido, também ocorre a relação vital PARTE-TODO, fundamentada pelo esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META, relacionado ao de MOVIMENTO, devido ao foco no resultado (alvo/META).

A rede proposta pode ser categorizada como simples (*simplex*), porque resulta em um “protótipo de composição semântica”, em que as informações relevantes dos dois espaços são projetadas na mescla sem conflito. Trata-se de um tipo de mescla, por vezes, nem percebida intuitivamente como tal, já que um

dos espaços poderia apenas fornecer valores (elementos “*unframed*”) para a mescla, sem ativar, portanto, um *frame* (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Entretanto, no caso da mescla TXPY (figura 3), consideramos o conhecimento das construções resultativas armazenados em *frame* e o das demais construções, em domínio-matriz, com base na hierarquia em níveis de contiguidade de Kövecses (2020).

Nos termos de Goldberg e Jackendoff (2004), comprovados por Leite (2006), CRs de propriedade não causativa como TXPY seriam uma subparte das CRs de propriedade causativa: tipo de relação evidenciada em *Maria não assou o frango direito* e *O frango não assou direito* (LEITE, 2006, p. 101). No entanto, em TXPY, além do SA, a mudança de estado (*positivo*) ou possibilidade de mudança afastada (*negativo*), há um SP, que especifica a doença testada.

Logo, na descrição postulada, a especificação do elemento testado seria um outro oblíquo com papel semântico de *alvo* final da MUDANÇA de condições de saúde, metaforicamente entendida como MOVIMENTO. O uso da preposição *para* pode ser considerado uma evidência desse MOVIMENTO metafórico, visto que expressa a relação de deslocamento a um ponto estacionário. No quadro 4, ilustramos a relação entre a CR causativa e TXPY.

**Quadro 4 – Ligação entre CR causativa e TXPY**

|   |                          |                                  |  |
|---|--------------------------|----------------------------------|--|
| <b>Resultativa de propriedade causativa</b>     |                          |                                  |  |
| Sintaxe:  | SN <sub>1</sub> (Suj)    | V                                | SN <sub>2</sub> (Obj) SA/ SP <sub>3</sub> (Obl)            |
| Semântica:                                      | Ag/Ca                    | Pac/Tema                         | Objetivo   |
|   | X <sub>1</sub>           | CAUSA [ Y <sub>2</sub> TORNAR-SE | Z <sub>3</sub> ]   |
|   | MEIO: [SUBEVENTO VERBAL] |                                  |  |
| Ligação por subparte                            |                          |                                  |  |
| <b>Resultativa de propriedade não causativa</b> |                          |                                  |  |
| Sintaxe:  | SN <sub>1</sub> (Suj)    | V                                | SA (Obl <sub>1</sub> ) SP <sub>3</sub> (Obl <sub>2</sub> ) |
| Semântica:                                      | Tema                     | Objetivo                         | Meta   |
|   | X <sub>1</sub>           | CAUSA [ Y <sub>2</sub> TORNAR-SE | Z <sub>2</sub> PARAC <sub>3</sub> ]                        |
|   | MEIO: [SUBEVENTO VERBAL] |                                  |  |

Fonte: Autores

---

Assim, na CR de propriedade não causativa, “Doria afirma que testou positivo para a Covid-19”<sup>19</sup>, a entidade afetada (tema) está na posição de sujeito e não há um SN<sub>2</sub> na posição de objeto afetado pelo processo verbal. *Doria* está retomado como sujeito do verbo *testar* na oração encaixada, que, devido à flexão no pretérito perfeito, exprime a mudança de estado como evento PASSADO em relação ao tempo do discurso.

Em seu estudo, Leite (2006) demonstra a tendência de as resultativas do português lexicalizarem no verbo a mudança de estado, em lugar do emprego de adjetivo, já que várias formas verbais possuem substantivos e adjetivos como base, revelando um processo de metonimização em que se considera parte do processo como representativo da mudança de estado: em *O rio conGELou* (LEITE, 2006, p. 101), por exemplo, a informação semântica relativa a *gelo* encontra-se na base do verbo *congelar*. Essa característica pode ter motivado o estranhamento da construção TXPY por parte de usuários da língua mais sensíveis aos padrões normativos. Contudo, em *testou positivo*, o adjetivo aparece ligado ao verbo, à semelhança de adjetivos adverbiais modificadores de verbos em *Fala sério!*, *Pensar rápido*, *Jogar fácil* (PINHEIRO, 2016), porque exhibe uma propriedade que modifica o sentido do verbo *testar* no cenário de pandemia, podendo assumir apenas dois valores: positivo ou negativo.

Esse aspecto torna complexa a configuração do sintagma resultativo (SR) da construção TXPY: *x (Doria) testou [positivo para a COVID-19]* ou *x(Doria) testou [positivo] [para a COVID-19]*. Consideramos um SR[SA+SP], já que ambos se relacionam ao resultado, uma mudança na saúde de *x(Doria)*, ou SR[SA]+[SP], seguido de um especificador?

Os próprios dados nos deram uma pista sobre que estruturas parecem estar mais integradas, como podemos observar em dois tuítes: (i) “Testou

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/12/joao-doria-afirma-que-testou-positivo-para-covid-19.ghtml>. Acesso em: 02 set. 2020.

---

positivo pra erro de português” (18/03/2020)<sup>20</sup> e (ii) “Urgente: Bolsonaro testa positivo para REELEIÇÃO! e já contagiou mais da metade do Brasil” (29/08/2020)<sup>21</sup>. Nos dois tuítes, o *slot* do SP é preenchido com informações que podem ser consideradas análogas à doença, a depender da perspectiva. Em (i), o contexto de crítica ao emprego de TXPY na postagem leva à analogia com a doença. No caso de (ii), o adjetivo *positivo* pode levar à interpretação da reeleição como algo bom, não à doença, para os apoiadores do atual governo. A relevância desses tuítes é destacar a hipótese de *testar positivo/negativo* ser considerado uma subconstrução da construção, um subevento.

Em seguida, citamos mais alguns casos de usos de TXPY com verbo flexionado no passado e no presente:

- (1) Michelle Bolsonaro diz que testou negativo para covid-19.<sup>22</sup>
- (2) Toffoli é internado com pneumonite alérgica, mas testou negativo para covid-19.<sup>23</sup>
- (3) Sobe para 448 itapevenses que testaram positivo para Covid-19.<sup>24</sup>
- (4) Neymar testa positivo para Covid-19 e deve perder estreia no Francês.<sup>25</sup>
- (5) Embaixador dos EUA testa negativo para covid-19 após encontro com Bolsonaro.<sup>26</sup>

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://twitter.com/depcafeteira/status/1240400556704874499>. Acesso em: 23 mar. 2020.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://twitter.com/capitaotelegram/status/1299867093664489473>. Acesso em: 04 set. 2020.

<sup>22</sup> Site UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/07/11/michelle-bolsonaro-diz-que-testou-negativo-para-covid-19.htm>. Acesso em: 07 set. 2020.

<sup>23</sup> *Dinheiro Rural*. Disponível em: <https://www.dinheirorural.com.br/toffoli-e-internado-com-pneumonite-alergica-mas-testou-negativo-para-covid-19/>. Acesso em: 07 set. 2020.

<sup>24</sup> Título de notícia no site oficial da Prefeitura de Itapeva, município do estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.itapeva.sp.gov.br/noticia/coronavirus/sobe-para-448-itapevenses-que-testaram-positivo-para-covid-19/>. Acesso em: 05 set. 2020.

<sup>25</sup> *Jornal on-line Lance*. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-internacional/neymar-testa-positivo-para-covid-deve-perder-estrela-frances.html>. Acesso em: 02 set. 2020.

<sup>26</sup> Título de notícia do site UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/07/07/embaixador-dos-eua-testa-negativo-para-covid-19-apos-encontro-com-bolsonaro.htm>. Acesso em: 05 set. 2020.



- 
- (6) Poucos dias após presidente testar positivo, Michelle Bolsonaro testa negativo para covid-19.<sup>27</sup>
  - (7) Se a contraprova de Jorge Jesus testar positivo, todo o elenco terá [d]e refazer os exames, visto que os primeiros testes foram na sexta.<sup>28</sup>
  - (8) Após testar positivo para coronavírus, pivô do Paulistano faz alerta a fãs.<sup>29</sup>

Nas ocorrências (1) a (3), o verbo *testar* é usado no pretérito perfeito do indicativo. Em (1), numa oração encaixada à semelhança do exemplo sobre *Doria*. Em (2), temos um caso de *testou negativo*, numa oração adversativa, cujo enquadre conceptual caminha de uma possibilidade de contágio para uma confirmação de estado saudável. Em (3), o verbo aparece flexionado no plural numa oração adjetiva restritiva. Nos exemplos (4) e (5), o verbo *testar* encontra-se no presente do indicativo, de modo a ressaltar a recência da notícia.

Em (6), o verbo *testar* aparece no presente e no infinitivo numa sentença temporal: presente do indicativo na oração matriz, infinitivo na oração temporal. A sequência temporal entre os testes positivo e negativo pode ter sido ressaltada com intenção de destacar a diferença de resultados, na medida em que *poucos dias*, primeira informação a ler lida, se passaram entre os mesmos. Parece ser uma tendência a opção pelo emprego do verbo *testar* no infinitivo, quando a construção TXPY é empregada em contextos que envolvem outros sentidos, como também ocorre em (7) e (8): no primeiro caso em cenário hipotético condicional, mesmo ambiente sintático-semântico do trecho que intitula esta seção; no segundo, um cenário têmico-consecutivo, visto que o resultado positivo leva o jogador a fazer um alerta à comunidade.

A variação em termos de contextos sintático-semânticos em que TXPY é usada pelos usuários pode ser vista como evidência da inserção desta construção

---

<sup>27</sup> Título de notícia no site *TV Jornal*. Disponível em: <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticias/2020/07/11/poucos-dias-apos-presidente-testar-positivo-michelle-bolsonaro-testa-negativo-para-covid19-191510>. Acesso em: 05 set. 2020.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://twitter.com/vgammarrross/status/1239653227408302081>. Acesso em: 16 mar. 2020.

<sup>29</sup> *Isto é* (19/03/2020). Disponível em: <https://istoe.com.br/apos-testar-positivo-para-coronavirus-pivo-do-paulistano-faz-alerta-a-fas/>. Acesso em: 23 mar. 2020.

---

nos discursos escrito e falado. A familiaridade é tal, que encontramos um caso de voz passiva junto a outra ocorrência do verbo *testar* no infinitivo em uma mesma postagem:

- (9) Rondoniense é o 23º membro da comitiva de Bolsonaro a testar positivo para coronavírus.
- (10) Presidente da Federação das Indústrias de Rondônia, Marcelo Thomé, foi testado positivo para coronavírus neste sábado<sup>30</sup>.

Em (10), SN sujeito, *Presidente da Federação das Indústrias de Rondônia*, tem seu estado de saúde alterado, devido ao resultado da ação verbal. Conforme outros casos de TXPY, não há um SN objeto afetado pela ação verbal, por isso se trata de uma resultativa de propriedade não causativa. A entidade causadora está subdeterminada, na medida em que o foco da conceptualização é o resultado do exame que caracteriza a mudança de estado. Goldberg (1995, p. 181) inclui esse tipo de CR em sua tipologia, exemplificando com *The tools were wiped clean* (*As ferramentas foram completamente limpas*)<sup>31</sup>, em que o SN *as ferramentas* passam de estado anterior (*sujas*) a *limpas*, resultado expresso pelo SA, decorrente do processamento do argumento externo da passiva, o sujeito, em um evento que caracteriza a CR.

Encontramos ocorrências interessantes em que houve uma inversão dos elementos da CR ligados ao verbo *testar*:

- (11) Recomendamos que se já testou COVID-19 positivo informe o colaborador para que os livros devolvidos sejam submetidos a um período de isolamento de 14 dias.<sup>32</sup>
- (12) O primeiro trata-se de um paciente idoso que teve contato com sua companheira, a qual faleceu e testou COVID positivo, sendo que no dia

---

<sup>30</sup> Fórum (22/03/2020): Disponíveis em: <https://revistaforum.com.br/coronavirus/rondoniense-e-o-23o-membro-da-comitiva-de-bolsonaro-a-testar-positivo-para-coronavirus/>. Acesso em: 23 mar. 2020.

<sup>31</sup> Goldberg (1995, p. 181), traduzido por Leite (2006, p. 63).

<sup>32</sup> Notícia sobre reabertura da Biblioteca da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Disponível em: <https://sdi.fba.up.pt/reabertura-da-biblioteca/>. Acesso em: 10 set. 2020.

---

03/08 coletamos material para RT-PCR, o qual foi enviado ao LACEN/RS tendo resultado positivo para COVID-19.<sup>33</sup>

(13) Se testou Covid positivo, apenas pode doar [sangue], após 30 dias da cura.<sup>34</sup>

(14) Eu quero fazer pq tive contato com pessoa que testou covid 19 positivo e como sou de alto risco tenho que fazer.<sup>35</sup>

A busca por “testou covid/covid-19 positivo” revelou 341 resultados, ao passo que, por “testou covid/covid-19 negativo”, apontou 14 resultados. Há ainda algumas ocorrências, com vírgula entre “covid e negativo”, por exemplo, “Sentiu-se mal, testou covid, negativo”<sup>36</sup>. Em (11) e (13), a construção encontra-se num contexto de cenário hipotético, como outras ocorrências de TXPY. Em (12) e (14), embora em orações sintaticamente distintas, o contexto discursivo é de explicação.

Nos exemplos (11) a (14), temos casos que também se encaixam na CR de propriedade não causativa  $SN^{Hospedeiro} V SR (SN+SA)$ , porém novamente observamos uma especificidade no sintagma resultativo, que tem como núcleo um SN em lugar de um SA ou SP, configurando a construção TYX, cuja motivação pode ter sido o conflito entre *positivo/negativo* e o verbo *testar*. Algo que alguns usuários manifestaram, como, por exemplo, o trecho do tuíte “Ele é transitivo direto, quem testa, testa, alguém ou algo. Sendo assim não precisa de preposição. ‘testou positivo’ é uma figura de linguagem, existe flexibilidade da gramática pra figuras de linguagem” (USUÁRIO 6, 18/03/2020). É interessante o posicionamento desse usuário, porque, apesar de ressaltar a transitividade

---

<sup>33</sup> Relatório de casos de COVID-19 da Prefeitura de Bossoroca, no estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.bossoroca.rs.gov.br/site/noticias/saude/52063-hoje-05082020-confirmamos-mais-3-casos-de-covid-19-no-municipio>. Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>34</sup> Trecho de uma notícia do site do Hospital Evangélico de Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.heci.com.br/ler.asp?codigo=10298>. Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>35</sup> Usuária C.O. em um comentário de notícia do *Jornal Opção, on-line*. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/confira-listao-dos-78-municipios-goianos-que-terao-testagem-em-massa-268194/>. Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/coluna/levivasconcelos/2129671-a-ultima-de-bolsonaro-botar-o-ms-para-maquiar-a-covid-pode-premium>. Acesso em: 10 set. 2020.

---

canônica do verbo *testar*, aponta-lhe uma flexibilidade de sentido, em nossa avaliação, de modo a estender seu aspecto formal e semântico.

Logo, *testar covid-19 positivo/negativo* parece ser uma instância da CR TXPY que resolve o conflito entre a informação sintática mais convencional dos usuários e especialistas em norma culta sobre o complemento do verbo *testar* e a informação semântica a ser veiculada pela construção acerca dos diagnósticos durante a pandemia. Encontramos postagens de alguns usuários sobre a doença na página *MedCode*<sup>37</sup> com outros preenchimentos na posição de complemento do verbo *testar*: (i) “Sou da área de saúde. Peguei covid19. Tive os sintomas e teste sorologia positiva tanto igM quanto igG [...] minha mãe durante a infecção não testou positivo” e (ii) “Vc testou anticorpos, ou seja criou uma defesa imunológica pq teve contato com o vírus no passado e em teoria adquiriu imunidade contra o covid”.

Em (i), *sorologia positiva* é usada quando o usuário se refere aos índices testados, muito provavelmente por ser profissional da área da saúde, mas, em seguida, usa a expressão *testou positivo*. Na postagem (ii), *anticorpos* completa o verbo. O fato de a página ser voltada para temas médicos pode ter sido a motivação para emprego de termos mais específicos em complemento a *testar*.

Portanto, embora o papel semântico-pragmático das construções seja o mesmo – registro do resultado dos exames realizados no cenário de PANDEMIA vivenciado –, por meio das buscas, começamos a perceber variações e simplificações estruturais realizadas, a fim de economizar os meios linguísticos, otimizando a comunicação. Com base nos tipos de construções, elencados por Goldberg (2013), já listadas no quadro 1, TXPY e TYX poderiam ser consideradas idiomatismos parcialmente preenchidos, em razão das variações observadas nos trechos levantados, a partir do padrão esquemático das CRs do português (LEITE, 2006), com base em Goldberg e Jackendoff (2004).

---

<sup>37</sup> Disponível em <https://www.medcode.com.br/noticias/covid-19-imunidade-cruzada/>. Acesso em: 10 set. 2020.

---

Em TXPY, observamos uma relação mais fixa entre *testar* e os adjetivos *positivo* e *negativo*, ao passo que a posição do SP parece mais suscetível a extensões de sentido, além dos termos designativos da doença: *coronavírus* e *COVID-19*. Em TYX, o mecanismo de coerção parece ter sido otimizado para solução do conflito entre as estruturas sintáticas e a semântica das construções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de TXPY não é tão novidade assim, encontramos dados de 2014, no portal *G1*, com a construção “testar negativo”, em matéria sobre o vírus Ebola<sup>38</sup>, bem como em artigo científico de 2004: “[o] material centrifugado foi ressuspenso e novamente tratado com glucoamilase e centrifugação até testar negativo para presença de amido”<sup>39</sup>. Todavia, com a chegada da pandemia, as construções TXPY e TYX, sobretudo a primeira, passaram a ser usadas amplamente, levando a uma acomodação que promoveu a semântica da CR, de modo que aspectos formais, semânticos e pragmáticos do verbo *testar* foram ampliados e comprimidos.

A ampliação ocorreu em termos da categoria gramatical dos elementos ligados a *testar* e os sentidos expressos. A compressão ocorreu, devido ao foco dessas construções em um contexto de pandemia, fornecido, portanto, pelos aspectos pragmáticos, na medida em que o momento de realização do teste é subfocalizado em prol do resultado. Dessa forma, a hipótese de que construções são unidades simbólicas armazenadas no conhecimento linguístico dos usuários pode explicar a convencionalização de TXPY e TYX. A integração conceptual entre os elementos dos *frames* SAÚDE e CONSTRUÇÃO RESULTATIVA DE PROPRIEDADE

---

<sup>38</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/ebola/noticia/2014/10/juiz-dos-eua-determina-quarentena-forcada-para-enfermeira-do-maine.html>. Acesso em 23 mar. 2020.

<sup>39</sup> Artigo de PEREIRA e BELÉIA (2004). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-20612004000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-20612004000100012). Acesso em 23 mar. 2020.

---

NÃO CAUSATIVA foi postulada como uma hipótese de descrição para os procedimentos de coerção que fundamentam a conceptualização de TXPY e TYX.

## REFERÊNCIAS

AUBERT, E. H.; MÓDULO, M. Quem testa positivo foi contaminado por estrangeirismo? Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/quem-testa-positivo-foi-contaminado-por-estrangeirismo/?fbclid=IwAR1coB0ycZIU0aePZps6n91lNYcZJoeVSMwj35tCOFTeKAcXVpDL3ccchXg>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BAGNO, M. “Ela testou positivo”: que sintaxe é essa? Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/ela-testou-positivo-que-sintaxe-e-essa>. Acesso em: 15 mar. 2020.

BRODBECK, R. C. M. S. *Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: estudo de um caso de desencontro na quantificação nominal em português*. 2010. 149 fls. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

FAUCONNIER, G; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FILLMORE C. J. Frame semantics. In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373-400.

GIBBS Jr., R. W.; COLSTON, H. L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive linguistic: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 239-268.

GOLDBERG, A. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013, p. 15-31.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. The english resultative as a family of constructions. *Language: Journal of the Linguistic Society of America*, Washington D.C, USA, v. 80, n. 3. p. 532-568, set. 2004.

KÖVECSES, Z. *Extended conceptual metaphor theory*. Cambridge/New York, NY: Cambridge University Press, 2020.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002 [1980].

JOHNSON, M. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

---

LANGACKER, R. W. Metonymic grammar. In: PANTHER, K.; THORNBURG, L. L.; BARCELONA, A. (Eds.). *Metonymy and metaphor in grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2009, p. 45-71.

LEITE, M. A. *Resultatividade: um estudo das construções resultativas em português*. 2006. 205 fls. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MICHAELIS, L. A. Entity and event coercion in a symbolic theory of syntax. In: ÖSTMAN, J.; FRIED, M. (Eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2005, p. 45-88.

PINHEIRO, D. Sintaxe construcionista. In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. (Orgs.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 163-183.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, 2016, p. 20-40.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, K.-U.; RADDEN, G. (eds.). *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 17-59.

RIBEIRO, F.; FERRARI, L. F.; PINHEIRO, D. O. R. A construção de movimento causado no português brasileiro: um estudo inicial baseado em corpus. *Odisseia*, Natal, RN, v. 4, n. esp., p. 1-21, jul.-dez. 2019.

TALMY, L. Semantic conflict and resolution. In: TALMY, L. *Toward a cognitive semantics II*. Cambridge (MA): MIT Press, 2000, p. 323-336.

TRAUGOTT, E. C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive Linguistics*, Berlin/New York, v. 18, Issue 4, p. 523-557, 2007.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de setembro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 22 de janeiro de 2021.